



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11334 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 05/GT 11 - Estado e Política Educacional e Políticas de Educação Superior

O ACESSO ÀS TDICs E SUA IMPLICAÇÃO NA EXECUÇÃO DAS AULAS NO ESPAÇOTEMPO DO ERE: (IM)POSSIBILIDADES DESVELADAS NO PARFOR-ACRE

Francisca do Nascimento Pereira Filha - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Adão Rogério Xavier Silva - UFPA - Universidade Federal do Pará

Mark Clark Assen de Carvalho - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

O ACESSO ÀS TDICs E SUA IMPLICAÇÃO NA EXECUÇÃO DAS AULAS NO ESPAÇOTEMPO DO ERE: (IM)POSSIBILIDADES DESVELADAS NO PARFOR-ACRE

INTRODUÇÃO

Nos últimos dois anos (2020-2021), e ainda, vivenciamos uma crise sanitária de escala mundial que tem implicado nas rotinas e vidas da população mundial. No que se refere ao campo da educação, muitas foram as implicações da Pandemia da Covid-19 para a não continuidade das aulas de forma presencial: paralisação de aulas; isolamento e distanciamento social; protocolos de saúde e segurança; e outros. Nesse contexto, uma “possível” ferramenta resolutiva passou a ser utilizada por diversas instituições educacionais, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (Tdic).

O uso das Tdic tem chegado ao espaço escolar, sejam nos laboratórios de informática, sala de vídeo e projeção digital, e diversos recursos multimídia (SOUZA, 2020). Contudo, essa chegada nas instituições, especialmente as instituições públicas sejam elas municipais, estaduais e federais, em muitos casos são limitados pois dependem de outras esferas e espaço físico, geográfico, econômico bem como, o grau de letramento que os sujeitos envolvidos têm desenvolvido.

Desse modo, temos uma problemática, em que se definiu seguinte questionamento: quais as condições e a qualidade de acesso às Tdic e conectividade dos graduandos do PARFOR para que pudessem dar continuidade, ou não, no andamento de seus cursos durante a pandemia da Covid-19? Partindo de tal problematização, definimos como objetivo: discutir o acesso às Tdic e sua implicação para a execução das aulas de graduação no âmbito do Parfor-Acre no espaçotempo do Ensino Remoto Emergencial (ERE) experienciado em face a pandemia da Covid-19.

Portanto, trata-se de uma pesquisa exploratória sobre a discussão do ERE, refletindo sobre os

cenários da modalidade com destaque para o Parfor no Estado do Acre, observando os discursos dos discentes.

MÉTODO

A curiosidade epistemológica em conhecer as condições dos discentes do curso de Pedagogia/Parfor, em participarem das aulas no formato Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a pandemia da Covid-19, implicou na realização de uma investigação qualitativa do tipo exploratório (Gil, 2008). A referida investigação coletou dados empíricos sobre as percepções de professores/as da educação básica do Estado de Acre, Brasil, em face e limitações do acesso ao Tdic dos/as alunos/as o que implicou no redirecionamento das práticas pedagógicas na Universidade Federal do Acre.

Com relação à técnica utilizada para a coletas de dados, optou-se pela aplicação do questionário, sem perder de vista a intencionalidade de atingir o objetivo da pesquisa por meio de questões específicas, no intuito de coletar respostas que descrevam as características da população pesquisada. A aplicação ocorreu através do Google Forms como plataforma para aplicar e sistematizar as questões, que foram organizadas de modo misto, isto é, perguntas abertas passíveis de respostas dissertativas, e perguntas fechadas com opção de respostas preteridas.

A plataforma para coleta de dados ficou disponível entre o período de 20 de julho a 31 de outubro 2020, estruturada em 10 (dez) seções, dispostas com 44 (quarenta e quatro) perguntas, sendo as 04 (quatro) primeiras seções sistematizadas para coletar informações sobre os perfis discentes e suas realidades no contexto da pandemia da Covid-19, e as 05 (cinco) subsequentes com questões mais objetivas ao estudo. A aplicação do questionário, obteve-se o resultado de 193 (cento e noventa e três) respostas, o que corresponde a 53% do cômputo geral do discentes matriculados no Parfor Acre.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante situar que, no início da pandemia, conforme informações do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), o Estado do Acre encontrava-se na 26ª Semana Epidemiológica, considerando o período de 21/06 a 27/06 de 2020, apresentando um quadro de 1.650 (um mil e seiscentos e cinquenta) contaminados naquela semana, e um total de 54 (cinquenta e quatro) óbitos informados.

Na sequência, verificou-se quanto à testagem positiva para Covid-19 entre os discentes participantes da pesquisa e seus familiares (oriundos de diferentes municípios do estado do Acre), ao que foi constatado que 36 (19%) já haviam testado positivo, e, 157 (81%), ainda não. Quanto a seus familiares, constatou-se que 119 (62%) já haviam testado positivo, e 74 (38%) não comprovaram contaminação.

Diante deste contexto, tendo como problemática em quais as condições e a qualidade de acesso às Tdic e conectividade dos graduandos do Parfor para que pudessem dar continuidade, ou não, no andamento de seus cursos durante a pandemia da Covid-19, os dados revelam de um universo de 363 (trezentos e sessenta e três) professores em formação matriculados, obteve-se uma amostragem registradas 193 (cento e noventa e três) respostas, o que corresponde a 53% do cômputo geral do discentes matriculados. Desse universo em termos absoluto, que 134 (69%) participantes, se declaram do sexo feminino, e, 59 (31%) do sexo masculino.

É possível estabelecer uma generalidade dos perfis, o que permite identificar uma preponderância de um quadro discente composto por mulheres, autodeclaradas pardas, com

idade entre 25 a 31 anos, solteiras, mães, com filhos em sua maioria em idade escolar da educação básica, residindo equilibradamente nas localizadas urbana e rural de seus municípios.

Conforme esses dados, apesar do quantitativo predominante ser o feminino, considera-se bem significativo a proporção de professores em formação do sexo masculino, o que contraria os dados históricos do curso de Pedagogia, com um histórico da feminização predominante (BARRETO, 2011). No caso específico do Parfor, a hipótese seja por ser em muitos municípios do estado do Acre, o único curso oferecido pela IES, a oportunidade de formação em nível superior, o curso de Pedagogia acaba chamando atenção também dos sujeitos do gênero masculino.

Com relação à autodeclaração dos participantes, constatou-se que 11 (6%) se identificam como sendo amarelo(a), 14 (7%) como sendo branco(a), 18 (9%) indígena, 140 (73%) como pardos(as) e 10 (5%) como preto(a).

Referente à faixa etária, apurou-se que 71 discentes (37%) têm idade entre 25 a 31 anos, enquanto 49 discentes (25%) têm idade entre 32 a 38 anos, 48 discentes (25%) têm entre 18 a 24 anos, 20 discentes (10%) têm faixa etária entre 39 a 45 anos, apenas 03 discentes (2%) têm idade entre 53 a 60 anos e 02 discentes têm idade entre 46 a 52 anos.

Sobre a área de localização da residência, considerando as variáveis urbana e rural, observou que 100 discentes (52%) residem na área urbana de seu município, enquanto outros 93 discentes (48%) residem em área rural.

Conforme esses dados percebe-se que a proporção de discente que residem na zona rural é quase o mesmo quantitativo da zona urbana. Isso implica dizer que o acesso a Tdic pode ficar comprometido. O passo seguinte consistiu em avançar para verificar quanto às questões vinculadas à Internet considerando: acesso, qualidade, forma de acesso e a capacidade por megabite.

Verifica-se que 146 (76%) dos discentes possuem acesso à rede mundial de computadores e 47 (24%) não. Quando questionados sobre a qualidade desse serviço, apurou-se que 04 (3%) disseram ter uma Internet de ótima qualidade; 26 (18%) boa; 57 (39%) regular; 39 (27%) ruim; e 20 (13%) péssima.

Ao se examinar a forma de como o acesso à Internet era realizado, bem como a capacidade por megabite, constatou-se que 133 (91%) acessam a rede mundial de computadores por meio de pacote de dados móveis, já 13 (9%) acessavam por meio de Internet residencial. No que concerne à velocidade e ao limite do pacote de dados, 03 (2%) responderam ter mais que 25 megabites; 01 (0,5%) disse ter até 25 megabites; 03 (2%) até 10 megabites; 18 (12,5%) até 5 megabites; e a maioria, somando 121 (83%) não sabia informar a capacidade da sua Internet.

Nesse segmento, verificou-se quanto à experiência dos discentes no tange ao ensino mediado pelas Tdic, e se eles(as) contavam com local adequado em suas residências para a realização das atividades acadêmicas, por meio das Tdic. Ao analisar as respostas, constatou-se que 51 (26%) já haviam tido alguma experiência com o ensino mediado por meio das Tdic, por outro lado, a grande maioria, correspondendo a 142 (74%), nunca haviam experienciado essa forma de ensino. No que se referente a ter ou não um local adequado para a realização das atividades acadêmicas, como resultado, obteve-se que 63 (33%) teriam um local adequado para a realização de tais atividades e 130 (67%) não dispunha em suas residências de um local adequado.

Na sequência, buscou-se identificar quais eram as maiores dificuldades que eles(as) poderiam enfrentar para acompanhar as aulas pela mediação das Tdic. Para essa questão, somente 06 (3%) dos discentes responderam “nenhuma”. Em contraposição, 140 (73%) apontaram problemas que se vinculam sobretudo a questões como: a qualidade da Internet, a falta de equipamentos e local adequados para o acesso e o não domínio das ferramentas. Vale lembrar ainda que 47 (24%) discentes nem responderam à questão, visto que não contam com acesso à Internet.

A seguir, selecionamos algumas falas das questões abertas que representam as maiores dificuldades colocadas pelos discentes do Parfor, seguirem as mesmas orientações dos discentes do Campus Rio Branco para participar do ERE, adotada pela IES, seguindo as normativas legais colocadas para atenuar as perdas no processo no ensino aprendizagem no período pandêmico.

O primeiro ponto, se refere a falta de internet e localidade onde residem, espaço urbano ou rural:

“A maior dificuldade com certeza é da internet, pois aqui a internet que é oferecida é somente de 1 mega”. (discente 3).

“Posso dizer que a maior dificuldade é não ter acesso a internet, pois moro em uma área rural onde os sinais de telecomunicação não são acessíveis” (discente 97)

“Maior dificuldade é que passo a maior parte do tempo da vida na zona rural, e lá não tem Internet” (discente 61).

“Porque moro na zona rural distante da cidade, e só tenho acesso a internet quando venho pra cidade” (discente 138).

“Todas, por que na minha localidade não tem internet e nem da sinal do celular, só tenho acesso quando venho na cidade e não é tão boa a internet, então se tornará muito difícil acompanhar as atividades via internet” (discente 103).

“A internet que não é boa, e também só uso a internet do plano do meu celular. Não tenho rede wifi casa” (discente 53).

As falas representam a problemática de acesso desde o sinal ruim, não ter wifi, como também a falta de acesso de um número significativo dos entrevistados residirem na zona rural onde não pega o sinal de internet, só tendo acesso quando vão para a zona urbana. Esses dados trazem elementos que vão de encontro ao senso comum, que pelo avanço da tecnologia, esta, já ser de acesso a todos os cidadãos brasileiros.

Santos e Santos (2020) ressalta a importância da comunidade escolar está preparada para interagir com os sistemas culturais contemporâneos, o que implica “em novas formas de alfabetização e letramento digital, próprias da cibercultura, permeados pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação” (SANTOS; SANTOS, 2020, p. 91). Contudo, com as características peculiares dos sujeitos atendidos do Parfor como prevê o Decreto 6.755/2009, uma política emergencial voltada para a formação dos professores que já atuam na docência com formação diferente da sua atuação ou sem formação em nível superior. Estes oriundos na sua maioria zona rural, dificulta grandemente estes sujeitos, o acesso as Tdic.

Outro ponto que se destaca nas respostas dos participantes, que ressalta esta ideia das dificuldades de letramento digital:

“Não tenho facilidade em mexer no aparelho para responder as questões” (Discente 191).

“O acesso à internet pois dependo de uma internet do governo que vem para as escolas e muito difícil o acesso pois depende de senha que na maioria das vezes o diretor não fornece” (Discente 129).

As falas acima, representam um número considerado de discentes que demonstram terem dificuldade no manuseio com as Tdics. Dessa forma, podemos inferir que essas questões limitariam o acesso e conseqüentemente, a aprendizagem, foco central do ERE.

Outro ponto que se destacou nas falas, foram não ter contato presencial com o professor para tirar dúvidas:

“Pelo fato de muitas vezes não conseguir compreender alguma coisa e não ter um professor para tirar minhas dúvidas” (Discente 159)

“Posso dizer que seja as relacionadas as dúvidas do assunto, pois não é o mesmo que na sala de aula, pois, na sala de aula o professor esta para discutirmos juntos com os colegas para tirar as dúvidas coisa que no meu ponto de vista não seria tão bem resolvido online” (Discente 166).

Conforme falas apresentadas no quadro acima, podemos destacar dentre as maiores dificuldades para os discentes acompanharem as aulas via remoto estão não ter acesso e nem sinal de internet, lembrando que por 48% dos entrevistados residirem na zona rural, o acesso a internet se restringe ao uso do celular e quando os mesmos vão à zona urbana. Seria esse ponto elementar para as aulas remotas. Sobre o acesso à Internet, ainda que 146 (76%) dos discentes tenham afirmado que contam com acesso e, dentre estes, 87 (60%) classifiquem a qualidade da Internet como ótima a regular, há que se considerar que 133 (91%) realizam esse acesso por meio do dispositivo móvel e, dentre eles, 121 (83%) não sabem informar a capacidade dessa Internet em relação à velocidade e a limite de dados.

Naquele contexto, quando aplicado o questionário, mais de 80% dos discentes não tinham se contaminado com o novo coronavírus, por outro lado, 62% acusaram que algum membro familiar havia sido contaminado. Em relação à perspectiva de como os discentes se sentiam, constatou-se que as palavras mais recorrentes nas respostas foram “muito, com e medo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que apesar da maioria dos discentes ter acesso à internet, grande parte desses sujeitos avaliam a qualidade desse acesso como ruim ou péssima. O que se verifica é que maioria dos discentes fazem o acesso por meio da rede móvel de celular, utilizando pacotes de dados limitados.

Nesse segmento, é importante rememorar que 130 discentes (67%) afirmaram não ter local adequado para realizar as atividades acadêmicas em um possível cenário de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Há que se considerar ainda que a não adoção do ERE no Parfor-Acre, foi sobretudo endossada pelas respostas dos 140 (95%) discentes, que afirmaram ter acesso à Internet, especialmente quando eles(as) responderam indicando os problemas que se vinculam às questões da qualidade da Internet, à falta de equipamentos e de locais adequados para o acesso e o não domínio das ferramentas. De tal forma, não basta apenas ter o acesso à Internet para se afirmar a existência de condições viáveis a participar do ERE, considerando um cenário minimamente adequado.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Ensino Remoto

Emergencial. Parfor.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Políticas e Práticas de Formação de Professores da Educação Básica no Brasil: um Panorama Nacional. RBPAAE. v.27, n.1, p. 39-52, jan./abr. 2011.

BRASIL. Decreto N° 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm. Acesso em: 12/07/2020.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa. 6.º ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, Roseane Araújo; SANTOS, Nádson Araújo dos. Tecnologias Digitais na Práxis Pedagógica: contribuições da formação continuada do Programa Proinfo/Mec. Rev. Lingu@Nostr@. Vitória da Conquista, v. 8 , n. 1, p.89-105, jan-julho. 2020.